

ESTABILIZAÇÃO NA POLÔNIA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ Senhor, 14/02/90

Desde primeiro de janeiro a Polônia embarcou em um duro programa de estabilização. Trata-se de um típico plano ortodoxo, aprovado pelo FMI. E segundo uma interpretação hoje corrente na Polônia, esse plano seria a indicação de que a equipe de Balcerowicz, o Ministro das Finanças polonês, teria um caráter essencialmente neo-liberal. Isto não é necessariamente verdade, mas pode ser. Um plano de estabilização ortodoxo não é necessariamente neo-liberal. Jeffrey Sachs, que assessora os poloneses, não é um neo-liberal, e o FMI, embora influenciado pelas idéias neo-liberais, não pode ser identificado com o neo-liberalismo. Mas a preocupação com a ortodoxia talvez exagerada do ajuste econômico é enorme na Polônia. O governo continua tendo apoio, mas as interrogações e as dúvidas aumentam.

O plano de estabilização tem, de fato, um caráter ortodoxo ou convencional. Três objetivos são fundamentais: corrigir os preços relativos, conter a demanda e equilibrar o orçamento do Estado. Para atingir esses objetivos foram liberados os preços, liberadas as importações, desvalorizado brutalmente o zloty, corrigidos fortemente os preços das empresas controladas pelo Estado, eliminados os subsídios, os salários estão sendo reduzidos em aproximadamente 40 por cento através da utilização de um coeficiente de correção salarial de 30 por cento da inflação de janeiro e de 20 por cento para os meses seguintes, ao mesmo tempo que uma política monetária extremamente rígida eleva as taxas de juros. Os juros da dívida externa não estão sendo pagos e a expectativa é de não pagá-los pelo menos nos próximos dois anos, mas ainda não está claro para os poloneses que a redução da dívida (e dos juros devidos) é uma parte essencial do plano de estabilização.

Um plano de estabilização com essas características básicas era essencial para a Polônia, mas é possível que fracasse caso confunda capitalismo com neo-liberalismo. A expectativa do governo e do FMI é que a inflação, que girava em torno de 30 por cento ao mês no segundo semestre de 1989, suba para 45 por cento em janeiro e depois caia rapidamente, dado a queda da demanda, até se estabilizar em torno de 1 a 2 por cento ao mês em meados do ano. Esta previsão dificilmente se confirmará. Por duas

razões: porque subestima o fator de aceleração da inflação representado pela desvalorização cambial e pela correção dos preços controlados, e porque não considera que na inflação polonesa já deve haver um componente inercial significativo em face às altas taxas de inflação verificadas em 1989.

Em janeiro a inflação projetada para 45 por cento deverá ser superior a 60 por cento. Deverá em seguida cair. Mas em meados do ano é muito provável que a inflação ainda esteja em um nível muito alto. Será então necessário que o governo considere acoplar às medidas monetárias e fiscais convencionais ou ortodoxas um congelamento provisório de preços. Não se termina inflação inercial com medidas de política econômica convencional.

Se o governo, entretanto, insistir apenas em adotar medidas ortodoxas para combater a inflação não apenas fracassará, mas ficará confirmado seu caráter neo-liberal. O mesmo ocorrerá se, em fevereiro, o governo não aumentar o coeficiente de indexação dos salários. Uma redução de 40 por cento nos salários reais talvez já seja excessiva. Essa redução entretanto, será muito maior se o Ministério das Finanças insistir em manter os coeficientes indexadores-redutores dos salários quando a inflação se apresenta muito maior do que o esperado.

O comunismo está morto na Polônia. Está morrendo no resto do mundo. Mas o capitalismo que o substitui não oferece a ninguém o paraíso. O pós-comunismo será cheio de dificuldades. Dificuldades que poderão ser potencializadas se se tentar usar na Polônia medidas neo-liberais que, se não dão certos em países capitalistas, serão desastrosas em um país que ao mesmo tempo que busca a estabilização deve construir um mercado. Um programa de estabilização pode ser relativamente ortodoxo sem ser neo-liberal. Mas seus autores e executores precisam distinguir com clareza a retórica vazia do neo-liberalismo de uma política econômica racional. Capitalismo com orientação para o mercado está muito longe de ser confundir com neo-liberalismo.